

ESCRITA E TRANSGRESSÃO

Maria Teresa Horta

RESUMO

O artigo é um depoimento da vida da escritora portuguesa Maria Teresa Horta, entremeado com sua obra tanto ficcional como poética. Vida e obra pontuadas pela transgressão, pela resistência, pelo tom confessional, questionador, porém lírico, pelo feminismo. PALAVRAS-CHAVE: transgressão, feminismo, literatura portuguesa

Quando desembarquei a primeira vez no Brasil, estonteada ainda pela grande festa que foi o 25 de Abril, trazia no coração o meu Portugal libertado, como se fosse um cravo. E na bagagem, *Minha Senhora de Mim* e as *Novas Cartas Portuguesas*, que acabavam de ser publicados por uma editora brasileira. Decorria então o mês de Dezembro do ano de 1974.

Esquecida já de como num país sem liberdade, como era então o Brasil, se impõem regras de controlo de linguagem e de opinião, quer na sua transparência, quer na sua intensidade, quer mesmo no volume da fala e sua expressão acesa, creio ter assustado um pouco aqueles com quem na altura me encontrei no Rio de Janeiro, ao expressar-me tão livremente, com uma alegria tão veemente, alvoroçada e sófrega. Recomendaram-me então que tivesse mais cuidado no falar, talvez com menos entusiasmo por tudo o que fosse mudança, liberdade e revolução. Hoje estou em crer não ter conseguido cumprir esses conselhos, tanto quanto na altura seria sensato.

Mas jamais fui sensata.

Depois vim a São Paulo, que amei de imediato, parecendo-me reconhecer aqui e ali traços da cidade do Porto: um tudo nada triste e

misteriosa, contidamente sofrida. Em São Paulo fui recebida por pessoas encantadoras e solidárias, que se mostraram preocupadas comigo, alertando-me para o perigo que, segundo elas, me rondava. Percebi que não exageravam no dia em que, antes de começar a ser entrevistada numa estação de Rádio, veio sentar-se a meu lado um homem de óculos, mal encarado. Explicando-me o jornalista, a meu pedido e sussurrando, ser o dito homem um censor encartado. Recusei fazer a entrevista em tais condições e saí, sentindo nas costas o seu olhar gelado.

No dia seguinte, o gerente do hotel onde estávamos hospedados preveniu o meu editor, sigilosamente, de que havia polícias nas salas e no átrio, misturados com os hóspedes, e a partir daí passei a ser seguida, aliás sem qualquer discrição. Por último, quando já na pista do aeroporto ia embarcar no avião, de regresso ao Rio, fui barrada por dois indivíduos que se identificaram como sendo da polícia política e me “aconselharam” a voltar no dia seguinte para Portugal, pois, segundo as suas palavras: “O Brasil é um país perigoso, onde as pessoas desaparecem muito e para sempre!” Lembro-me de lhes ter respondido: “Voltarei quando for altura de voltar”, e de ter ficado no Rio o tempo que previra.

No hábito de resistir, aprendido durante os muitos anos da ditadura portuguesa, mas sobretudo viciada na teima, na desobediência, na determinação de tomar a vontade pela costura e o avesso de tudo o que, desde o princípio dos séculos, foi interdito às mulheres. Levando a que elas se aperfeiçoassem, determinadas e astutas, na arte de infringir códigos e sinais de proibição.

Aprendendo na solidão a resistir.

Aprendendo na solidão a recusar.

Derrubando tabus e desenvolvendo em si próprias, à revelia do que lhes era proibido, a ousadia de serem detentoras do conhecimento, de atingirem o absoluto. Tal como aconteceu, primeiro com Lilith ao abandonar Deus (pai castrador) e em seguida com Eva, que colheu e comeu a maçã da árvore da sabedoria, desse modo tomando para si, simbolicamente, o saber, a razão: as Luzes.

Escrita do corpo

Como escreveu Christine Pisan há mais de quinhentos anos, no seu *O Livro das Três Vertudes a Insinansa das Damas*: “O primeiro grande acto de rebeldia das mulheres foi o de querer ler, e o segundo, o de aprender a ler. Porque ler é saber”.

E o saber é também inquietude.

E inquietude é já reflexão.

E a reflexão traz consigo a reivindicação, o gérmen da revolta.

E as mulheres melhor do que ninguém sabem isso, e também conhecem o preço que essa revolta habitualmente lhes custa.

Um preço por vezes tão alto, que estremecemos assombradas.

Então, é preciso teimarmos conosco mesmas:

Não bordo por destino
nem me dobro

Não cedo à mão da vida
nem me encubro

Nem cumpro não aceito
nem me calo

Não amo o que é imposto
não me afundo

Tessitura do desassossego.

Tessitura do sobressalto.

Labareda intensa e primordial a que, naquilo que escrevo, dou o nome de corpo: corpo da escrita e escrita do corpo, no entrançar da palavra-luz e da palavra-fogo, da palavra-bosque. Como diria a filósofa Maria Zambrano, “palavra escondida, oculta sozinha no silêncio, que pode surgir sustentando, sem o dar a entender, um longo discurso, um poema e mesmo um texto filosófico, anonimamente, orientando o sentido, transformando o encadeamento lógico em cadência; abrindo espaços de silêncio que não podem encher-se, reveladores”. Numa fala intacta e transformadora: “Já que aquilo que há de revelador numa fala provém dessa palavra intacta, que não se anuncia, nem se enuncia a si mesma, invisível à maneira de um cristal”. Mistura voraz e insaciável, enquanto elo e enlace vertiginoso.

Rutilante.

Literatura do corpo a da escrita feminina, onde há que descobrir a ligação entre o olhar e o desejo. Entre o olhar do desejo e a linguagem do olhar, onde a imagem se reflecte como num espelho. Xerazades afeiçoadas ao acto de narrar, lembra Nélide Piñon no seu último romance: exímias “na arte de embrincar histórias”. Diários, poesia, memórias, cartas trocadas entre mulheres, com uma entrega e uma ardência, uma intensidade insaciável, como as de Cecília Meireles para a poetisa portuguesa Maria (Dulce) Valupi: “Tu entendes a vida, Dulcíssima? Eu não a entendo mais. E tenho experimentado entendê-la, como quem entra numa fornalha, para saber o sentido do fogo, ou se atravessa com uma espada, para conhecer o nome do ferro”.

Epistolografia feminina, e em igual desmedida intensidade, a poesia e a ficção: escrita feita de estranheza e emoção, de negrume e de cor rubra, de loucura e salvação. Sendo disto exemplar testemunho *O Monte dos Vendavais* de Emily Bronte, a obra poética de Sylvia Plath e de Hilda Hilst, a obra ficcional de Clarice Lispector e de Marguerite Duras. – Reflexão sobre a vida, sobre e escrita, sobre a outra e o eu.

Como tão bem soube explicar Hélène Cixous: “Escrever o teu eu. O teu corpo tem de ser ouvido [...]. Escrever. Um acto que não só materializa a relação isenta de censura da mulher com a sua sexualidade, consigo mesma [...], inscreve a respiração da mulher completa [...]. Ela escreve com tinta branca”.

Escrever com a tinta da emoção e de contenção cismada.

Textos e versos feitos a partir do questionamento interior em conflito; da inquietação, da dúvida inerente a todo o criador; só que em diversidade feminina: incêndio, paixão corrosiva, entrega e alvoroço. Através da interrogação, da depuração, do rigor, da inovação e, sobretudo, de subversão. Como pode ser entendido o poema que abre o primeiro livro de Adélia Prado, “Bagagem”, e onde subtilmente responde ao “Poema das Sete Faces” de Carlos Drummond de Andrade, cujo primeiro verso começa dizendo: “Quando nasci, um anjo torto” ao qual ela contrapõe: “Quando nasci, um anjo esbelto”... e terminando com arrojo: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. / Mulher é desdobrável. Eu sou”.

E nós, escritoras, o que somos?
Somos aquilo que escrevemos.
Escrevemos aquilo que somos.

Ladras da palavra

Já chamaram às escritoras ladras da palavra ...

E também isso somos.

Porque na cultura nada pertenceu às mulheres, desde o começo, e em seguida nada lhes foi dado ou permitido, pelo contrário: tudo lhes foi sonogado. Tiveram, pois, de invadir a literatura para roubar as palavras, inventar a relação feminina com as Letras, para escreverem e assim tecerem uma estreita e diversa relação corporal com a linguagem.

Fio de Ariane que as escritoras seguiram e continuam a seguir, trajecto entre a linguagem e o poder cultural. Mas na minha obra, esse percurso é entre o sobressalto e a obsessiva busca da beleza, através da poesia e da ficção, num misto de resplandecência e de aturdimento; em torno do desejo intenso, do anelo, do desejo-prazer. Para mim, aliás, escrever foi sempre fruição. Imensa onda de arrebatamento, revolvente e revolvida. Fruição que teve o seu começo numa espécie de iniciação com o corpo do livro e sua leitura: vertigem conduzindo-me ao deleite, à degustação dos vários sentidos da urdidura da escrita, através das palavras mais recônditas, ocultas.

Voragem magnífica e tão imperiosa, que na pressa de galgar o tempo, aprendi comigo mesma a ler sozinha, menina magrinha, mãos de fuso no tecer das páginas de obras indevidas para a minha pouca idade. Menina rondando os livros, sem sequer ter altura de chegar às primeiras prateleiras das estantes do escritório do pai, volumes a custo retidos pelas mãos pequenas, mal conseguindo mantê-los em equilíbrio, apoiados nos joelhos subidos, descalça, pernas encolhidas na maciez do assento, como continuo a fazer hoje. E ainda sei alguns dos títulos, naquela altura para mim absolutamente fascinantes, a partir dos quais ia imaginando as suas histórias desconhecidas: *Uma Família Inglesa*, *Olhai Os Lírios do Campo*, *Orgulho e Preconceito*, *A Filha do Regicida e Amor de Perdição*, *O Crime do Padre Amaro*, *Os Capitães da Areia*, *Os Caminhos do Amor...*

Terá sido nessa altura que senti nascer pela primeira vez a imperiosa necessidade que, anos mais tarde, encontraria nomeada por Virgínia Woolf como: um *quarto que seja seu*.

Um sítio só meu, entendido desde menina como os espaços márgicos e abertos da biblioteca e da livraria, ou o espaço fechado e encantatório do escritório, onde me pudesse perder e encontrar.

Perigando pela tontura que convocam, mas simultaneamente resguardada no sonho dos livros, a seguir o caminho das pedras, que me iria levar até à aventura insondável da literatura.

“Menina e moça em casa de seus pais”, possuída já pelo vício do jogo de sedução da leitura e da ficção. Estranhas histórias de encantar, a subverterem códigos e regras, na tentação do romance, que afinal apenas surgirá nos anos 70, com *Ambas as Mãos Sobre o Corpo*. Ficção, lugar nocturno da minha escrita, que continuei com *Ema* e finalmente com *A Paixão Segundo Constança H*, aparentemente partindo do livro de Clarice Lispector, mas na verdade diverso, no modo de ficcionar o universo claustrofóbico da mulher, entregue à sua incomensurável solidão, perdida no circuito obsessivo dos seus fantasmas. A embrenhar-me eu por matas e florestas de vivências e negrimes.

Com cuidado para nunca me afastar demasiado de à beira-mar da poesia. Nem da transgressão, que em certa medida começou, ao fazer parte da *Poesia 61*, entendimento de nossos cinco discursos poéticos: o meu e o da Fiama Hasse Pais Brandão, como o da Luiza Neto Jorge, o do Gastão Cruz e o do Casimiro de Brito. Laçadas dadas umas nas outras, embora esgarçando-se com rapidez no desenlace, na dissonância e uma certa aridez que eu queria subverter, estética e formalmente, em busca do equilíbrio e do deslumbramento.

Minha senhora de mim

Buxo e murta e mar, no furtivo discorrer por entre as palavras sinuosas e insinuantes da melodia, que a belíssima língua portuguesa guarda, chegando ela como apetência irrecusável até mim, através dos cantares da poesia medieval, das Cantigas de Amigo, do Cancioneiro dos trovadores galaico-portugueses que, presentemente, assumo serem minhas primeiras e determinantes raízes. A partir da mais antiga poesia portuguesa, meu genoma literário, começando por utilizar um poema de Sá de Miranda para, acintosamente, o transformar em expressar feminino :

Comigo me desavim
 minha senhora
 e mim

sem ser dor ou ser cansaço
nem o corpo que disfarço

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

De mim,

desavinda comigo no aceite, desavinda comigo no iludir do corpo. E a partir dessa tomada de consciência, desse embate, dessa lucidez que me deixou descobrir na minha poesia a ponta do constrangimento, da prudência receosa, que ao longo da História da Literatura fez parte obrigatória da maioria da escrita feminina. E como a poesia que eu escrevera até esse momento já não era aquela que sentia vontade de continuar a fazer, mudei.

Mudei a minha escrita.

Ou melhor: a minha escrita mudou-mudando-me. E essa nova poesia primeiro veio fluindo, anelante, diversa tanto na sua construção, na forma literária, como na proposta temática, e depois veio de roldão, com a quentura da lava.

Desfaçatez – diziam... Escandalosa, pornográfica – acusaram.

Ou seja, a tão assustadora como arrebatada descoberta da minha verdadeira identidade poética, que me levou a escrever *Minha Senhora de Mim* em rebeldia frente aos cânones portugueses imensamente retrógados e extremamente moralistas da época, fez desencadear uma onda de violência inacreditável.

Mal o livro saiu foi apreendido, quer na casa editora (Dom Quixote) quer nas livrarias, pela PIDE-DGS (polícia política do regime). E no seguimento desta apreensão, o ministro do Interior de então, Moreira Baptista, chamou a editora, Snu Abecassis, para ameaçá-la com o encerramento da Dom Quixote caso ela voltasse a editar-me. Na mesma altura começaram os telefonemas e as cartas anónimas, com ameaças e grosserias, quer para casa quer para *A Capital*, o jornal onde trabalhava. Tudo isto num crescendo, que culminou com o meu espancamento, uma noite em plena rua: três homens atiraram-me ao chão e sem param de me bater, por entre palavrões e obscenidades, gritavam: “isto é para aprenderes a não escreveres como escreves”.

Aprender a não escrever como escrevo.

Esta frase marcou a minha vida para sempre, pois aprender a

não escrever como escrevo seria, pura e simplesmente, deixar de escrever. Aliás, estou em crer ser isso o que eles pretendiam: intimidar-me; e intimidar-me para que deixasse de escrever. Mas, eles quem? – essa é ainda uma pergunta sem resposta: a polícia política fascista? Os meninos nacionalistas, que se auto-intitulavam “Jovens Portugal”? Os legionários? Ou somente o homem comum, criatura moralista e marialva, que a ditadura criara-formara? A ralé, como lhe chamou a filósofa Hannah Arendt no seu livro *As Origens do Totalitarismo*.

Aprender a não escrever como escrevo passou a ser a frase à qual ainda agora recorro quando, por qualquer motivo, preciso de incentivo para escrever aquilo que quero e como quero, o que continua a não ser nada fácil.

Novas cartas portuguesas

Minha Senhora de Mim foi, pois, um livro determinante, quer na minha obra, quer na minha vida pessoal. Depois de o publicar, fiquei só na planície ardente. E até a aragem que me fazia mover os cabelos, era de brasa.

Tinha infringido os códigos, tinha tomado de assalto na Literatura a coutada masculina da escrita erótica, com dístico à porta, prevenindo: mulher não entra! E eu entrei, extravasando. Ou seja, escrevendo como mulher sobre o corpo da mulher, sobre a sua-minha sexualidade, o seu-meu arroubo e prazer; sobre o seu-meu gosto-gozo: sem estereótipos, sem mitificar nada. Escrevendo igualmente sobre o corpo do homem, tornando-o objecto do desejo feminino. Mas, também do homem amante e amado, de paixão tão ardente e revolvida e exaltante em “Candelabro”, como anos e anos mais tarde em “Só de Amor”:

Tu serás o princípio
e o meu fim

Pegando mal de amor
em chama alta

Vulcão em desacerto
e fogo posto

Tão grande que ele é

e já me mata

Em *Educação Sentimental*, por certo o meu livro de poesia mais desconhecido, resposta à *Educação Sentimental* de Flaubert, mencionei cada parte desse corpo-outro tão desejável quanto irresistível e por isso mesmo perigoso, nele demorando o expressar, com vagares de deguste.

Mas antes, houve as *Novas Cartas Portuguesas*.

Desafio maior.

Três vezes multiplicado por três: três mulheres da mesma geração-escritoras-amigas, que se encontravam com frequência, conversavam, liam, desesperavam, discutiam, e escreviam em estreita ligação umas com as outras.

Num relacionamento desafiador e irreverente.

Convivência.

“Se uma mulher sozinha pode ser causa de tanto escândalo, o que aconteceria se escrevêssemos as três um livro?” – aventou a Maria Velho da Costa, referindo-se ao tumulto desencadeado por *Minha Senhora de Mim*. E tanto eu como a Maria Isabel Barreno entendemos haver naquela pergunta uma proposta de escrita conjunta que aceitámos, seguindo em trio, numa agitação iludida na fundura do sossego. E desse modo começámos um projecto literário que iria abalar radicalmente não só a nossa vida e obra, como o próprio sistema político da altura, regime fascista já em declínio, afundado em contradições.

Antes de tudo o mais houve que escolher o centro, o cerne, o coração feminino e português em torno do qual fôssemos construindo, fôssemos tecendo literariamente os textos. Em seguida houve que estipular as regras – porque existiram regras – com as quais nos tínhamos de entender, ou desentender, a contas com um processo absolutamente livre e criativo, onde caberiam todos os géneros literários. Voz feminina engajada, enquanto comprometida com a liberdade.

O centro, o âmago acabou por ser a freira portuguesa Mariana Alcoforado, nascida em Beja no século XVII, como testemunha o seu assento de nascimento.

As regras: 1º – um encontro semanal (para além do nosso almoço das quartas-feiras), onde cada uma lia alto o que escrevera, entregando cópias às outras duas; 2º – teríamos de fazer cinco cartas, tal como Mariana para o Cavaleiro de Chamilly; 3º – No final, o livro seria na íntegra assinado por todas, 4º – Jamais revelaríamos quem escreveu o quê. – Jura essa até agora absolutamente cumprida.

Olhando para trás, passados que foram trinta anos, posso-vos garantir que, embora tivesse havido susto e até o medo, a minha memória desse tempo é, essencialmente, de empolgação e de envolvimento, de esperançoso júbilo. Experiência que fez uma de nós exclamar, já no fim, recordando a alegria do seu acto de criação: “[...] como afinal nos rimos. Ah! Irmãs, se nos rimos!”

O que pode a literatura?

Mas, no final, vieram também as Cartas Últimas, onde cada uma de nós, à sua maneira, se despede das outras. Ainda agora se me apressa o coração no peito cada vez que as leio...

Primeira Carta Última: “É o adeus, minhas queridas, e há já duas cartas que o ensaio, escrevendo-vos sem de vós ter notícia, reforçando o que há no acto da escrita de malévolo e arrogante [...]”

Segunda Carta Última: “[...] o que podem as palavras perguntei; resmas de papel de meses, e o que podemos, o que fazemos? As palavras não substituem, mas ajudam”.

Terceira Carta Última: “ Falta-me a vontade de vos dizer: acabámos [...] O que nos resta depois disto? Mas, o que nos restava antes disto? – Penso que bastante menos; muito menos, mesmo. Desacerto das coisas e nas pessoas... E em boa verdade vos digo: que continuamos sós, mas menos desamparadas”.

Contámos os dias que leváramos de escrita: e tinham passado, exactamente, nove meses... tempo da gestação e parto. Mas, após a publicação das *Novas Cartas Portuguesas*, aconteceu o que de resto esperávamos: a perseguição política, a proibição da venda da obra, os passaportes apreendidos, as idas à Polícia Judiciária no mesmo sector onde eram interrogadas as prostitutas, o processo posto pelo governo de Marcelo Caetano, por obscenidade, pornografia e atentado aos bons costumes...

Conscientes do perigo que corríamos, enviámos as *Novas Cartas* para as escritoras Simone de Beauvoir, Marguerite Duras, Christiane Rochefort. E foi então que aconteceu o maior movimento de solidariedade feminina, a nível internacional, de que há memória.

Por causa dessa acção solidária em praticamente todo o mundo ocidental, o governo pretendeu voltar atrás. Mas aí fomos nós que não quisemos: puseram-nos um processo, então teriam de o levar até ao fim. Entretanto, aconteceu o 25 de Abril e fomos ilibadas de todas as

acusações, como seria de esperar.

Esta é a história real das *Novas Cartas Portuguesas*, mas outra bem diferente é a da nossa relação enquanto autoras com o seu corpo ficcional e poético, enquanto literatura, poder-poderes do seu corpo literário. Por isso, a determinado momento, e não por acaso no termo do processo de escrita, surgiu-nos a pergunta posta e debatida pelas três: Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras?

Precisando: o que podem as palavras escritas.

Ou o que podem as vozes escutadas por entre a trama narrativa.

Vozes que nos visitaram enquanto inventávamos, investigávamos, acusávamos, descobríamos, denunciávamos... Vozes de Mariana Alcoforado, de Anas, de Martas, de Marias, de Constanças, de Fátimas e Isabéis, de Teresas e de Joanas ou de Mainas e Mónicas, de Elizabeth Barrett Browning, de parteiras, de viúvas de vivos, de madrinhas de guerra das colónias, de freiras, de madres, de noviças, de feiticeiras sangrentas ou de feiticeiras sangradas... Vozes incógnitas e ignoradas, de quem desenhámos a face.

A voz, as vozes

A voz, as vozes políticas anónimas, que já haviam habitado o meu *Cronista Não é Recado*, pelos caminhos da história de Portugal, e mais tarde se tornaram diversas e libertárias, mas nem por isso mais livres em si mesmas, de *Mulheres de Abril*, testemunho de luta que nesse período fez o quotidiano dos meus dias e da minha poesia:

Tanto povo!
Tanto povo!

Tanta bandeira
vermelha!

Tanta mulher que caminha
cantando à sua maneira

Vozes dessas e de outras mulheres, lembradas, reinventadas, que continuam a visitar-me: autoras que se recusam a ficar no passado, que as investigadoras, as escritoras, as feministas trazem até aos nossos dias, numa correnteza de escrita, numa fieira de elos, nós, flores secas, laços de fita.

Tanto as vozes de Joana d’Arc, como as de Hildegarde de Bingen. As de Leonor de Aquitânia e as de Teresa de Ávila. Tanto as de Vita Sackville-West como as de Virginia Woolf. As de George Sand e as de Jane Austen. Tanto as da Anaïs Nin como as de Zelda Fitzgerald. As de Florbela Espanca e as de Soror Violante do Céu. Tanto as de Judite Teixeira como as de Natália Correia. As de Lou Andreas Salomé e as de Marguerite Yourcenar. Tanto as da Marquesa de Alorna como as da Teresa de Melo Breyner. As de Catarina de Lencastre e as de Joana Isabel Forjaz. Tanto as de Madame de Staël como as de Madame de Châtelet. As de Soror Madalena da Glória e as de Soror Maria do Céu. Tanto as de Karen Blixen como as de Anna Akhmátova ou as de Marina Tsvétaieva.

As que elas escutavam e as que estas escreviam:

Sou a tua voz, o calor do teu respiro
 sou o reflexo fiel da tua face
 o fútil estremecer de fúteis asas [...]

Nos versos controversos, na ficção cruel e abismada: palavras com as quais me expresso através de um ardoroso trajecto de procura, na recusa dos desertos da literatura, cuja aridez restringe aquilo que o imaginário cria. Ao longo da minha vida, a escrita tem sido, numa espécie de totalidade intrínseca: paixão, entrega, incêndio.

Desacato.

Na construção de uma obra que, ambiciosamente, queria que fosse um tratado de insubordinação feminina: entre a insubmissão e uma rosa de Alexandria.

Porque escrever é isso mesmo: invenção, liberdade, inovação, transgressão e voo de asa. Entre o incêndio da alma e o estilete gelado a trespassar-nos o coração.

A paixão em estilhaços.

Arder ou durar

Roland Barthes, a propósito da paixão, discorreu sobre o dilema da mútua entrega do amante e do amado frente ao amor, e suas alternativas: “arder ou durar” – Nunca tive qualquer espécie de dúvida: se tivesse que escolher, ardia. Enquanto mulher ardia, e como escritora-

poetisa igualmente arderia: eu e eu-outra; dualidade expressamente iludida durante décadas, no temor dessa exposição, que me vulnerabilizaria, ao descobrir-me outra no meu eu poético, continuando todavia a ser eu própria. Consciente de que nenhuma de nós – eu-ela – sobreviveria a uma cisão fatal. Duplas ou clones ou gêmeas siamesas ligadas pelo mesmo chamejar, evidente no poema “Auto-Retrato”, inserido em *Inquietude*, editado no final de 2006, onde faço um retrato em traços tão perturbantes, que nem mesmo os dezassete anos e meio de psicanálise tinham conseguido dar-me a ver:

Eu sou outra em mim mesma
e sou aquela

Sou esta
dançando sobre as lágrimas

Sou o gozo
no gosto de ser espelho
e me faz multiplicar em todo o lado

Eu sou múltipla
veneno em minha veia
Estrangeira
rasgando o seu passado

Sou cruel
dúplice e sedenta
mil vezes morri no desamparo

Eu sou esta que nego
e a outra onde me afirmo
faço nela e naquela o meu retrato

E se na história desta me confirmo
na vida da outra não me traio
Feita de ambas à beira do abismo
Sou a mesma mulher nascida em Maio

Espécie de confissão, revolvida na sua própria exposição de sentimentos, forma inexorável de encarar no papel a relação fusional com a mãe, minha principal, ficcional e real personagem feminina desde

Espelho Inicial, livro de estreia. Minha loura, aprisco ou fundura de uma memória fundadora de mim mesma, em detalhe descrita em “Minha Mãe Meu Amor”:

Traçavas devagar
as pernas
com as meias de vidro

A fazeres lembrar
uma atriz
do cinema americano

Os cabelos tombados
no vestido

Urdidura.

Na organização de um longuíssimo discurso, articulado através do fulgor e da vertigem.

Feminitude.

E como tantas outras poetisas, escritoras, debruçadas nos manuscritos muitas vezes elaborados em segredo, como eu própria já fiz. Papéis escondidos em torvelinho no armário do quarto, entre as páginas dos livros e dos cadernos da escola e do liceu, nas caixas dos sapatos e nas caixas de costura por entre as agulhas, o dedal e as linhas de cor, e nas gavetas, entre as camisolas e a roupa branca ou amachucados no fundo das malas...

“Tem cuidado com o que vais publicar, porque usas o meu nome...”, advertiu-me o meu pai nas vésperas de sair o meu primeiro livro... E eu que até aí julgara possuir um nome meu, descobri que as mulheres usam sempre um nome emprestado, e se são escritoras é necessário lembrar-lhes isso, pois vá lá saber-se o que passa pela cabeça de uma mulher que escreve...

Afinal, como feiticeiras da palavra, elas têm atravessado os tempos enquanto agentes de inquietação e de transgressão. Portanto:

Elas são inquietantes.
Elas são imprevisíveis.
Elas podem ser perigosas.

Porque uma mulher que escreve, é uma criadora de linguagem.

Inventa universos, arrisca. Como sublinhou Laure Adler: “É uma pessoa que inventa a língua, a sua língua, a nossa língua [...] Eu / Elas / Nós As Mulheres”.

Na desarrumação.
No desalinho.
Porque aquela que escreve é uma semeadora de desordem.

Eu não sou contrabandista
da palavra
criadora

Sou aquela que semeia
a desordem
transgressora

Portanto, para se ser escritora, tem de se matar o anjo da casa. Tem de se deixar do lado de fora da porta a fada do lar. Tem de se soltar as amarras que fundeiam e prendem, tem de se cortar o cordão umbilical, que liga e ata, agarrando-nos a um passado de humildades, de humilhações e de submissões, que a criatividade não comporta, não suporta.

Que eu não suporto.
Que eu não aceito.
Que eu tento subverter e convulsionar.

Pois quem escreve não pode deixar de transgredir.

Não pode evitar o risco. Já que a arte de escrever é, em si mesma, um acto de criação em movimento constante: de renovação, de entrega, de conturbação e desassombro.

Eu escrevo para que me entendam-se-entendam, ao mesmo tempo que me interrogo, as-os interrogo, me situo como elemento mesmo da linguagem literária que uso. Na tentativa de lembrar, me lembrar enquanto produto de outras escritas-enleio: corda, colar, correnteza vinda do passado; tão cortantes quanto curvas, fraternas-maternas, rosto umas das outras, na construção de uma obra, que se entende e sabe diversa, e se impõe enquanto tal: maré lunar da sua própria menstruação. Transgressão.

Escrita transgressora, conquistada a pulso da vida, da existência menor durante séculos imposta às mulheres. Por isso, aquelas que es-

crevem não podem ter medo de escutar o clamor.
De desassossegar a paixão da qual se alimentam.

Desassossego a paixão
espaço aberto nos meus braços
Insubordino o amor
desobedeço e desfaço

Desacerto o meu limite
incendeio o tempo todo
Vou traçando o feminino
tomo rasgo e desatino

Contrario o meu destino
digo oposto do que ouço

Evito o que me ensinaram
invento troco disponho
Recuso ser meu avesso
matando aquilo que sonho

Salto ao eixo da quimera
saio voando no gosto

Sou bruxa
Sou feiticeira
Sou poetisa e desato

Escrevo
e cuspo na fogueira

ABSTRACT

The article is a testimony of the life of the Portuguese writer Maria Teresa Horta, interspersed with both her fictional and poetical works. Life and works marked by transgression, by resistance, by the confessional, questioning, yet lyrical tone, by feminism.

KEY WORDS: transgression, feminism, Portuguese literature

Data de recebimento: 04 agosto 2008

Data de aprovação: 30 setembro 2008